

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

JUNG (C. G.) e KERÉNYI (C.). — *Introduction to a science of Mythology. The Myth of the divine child and the Mysteries of Eleusis.* London, Routledge & Kegan Paul, 289 págs..

No que toca a este livro, devo adiantar ao leitor que não se destina a responder às perguntas sem conta que se fazem acerca de minúcias mitológicas. Os seus autores — ambos conhecidos e acatados especialistas no assunto —, pouco ou nada se preocupam com esses pequeninos incidentes pelos quais tanto se interessam os maniacos. É este um trabalho que se recomenda pela sagacidade e fina observação dos que o compuzeram e, mais que tudo, pelas muitas reflexões imprevistas que desperta no cérebro do estudioso.

O que nós conhecemos por mitologia não passa de uma caricatura da realidade. Os poetas clássicos, pretextando reavivar a essência da cultura antiga, legaram-nos uma visão inteiramente deformada da mesma. Os deuses do Olimpo que desabara à vista da avalanche medieval, submetidos a uma terapêutica milagrosa, renasceram dos escombros, ainda pálidos e disformes, alquebrados com o peso fatídico dos sistemas derribados. E à feição de fantasmas sem sentido, como aquele frade de quatrocentos anos de que fala a lenda, recomeçaram a caminhada pelo mundo. Mas já, então, despojados de conteúdo, ídolos incapazes de acordar emoções sublimes no coração dos crentes.

Os estudos começados no tempo dos românticos e desde então amorosamente continuados, revelam aspectos completamente inéditos neste setor. Propendemos a crêr que não vale a pena enumerar os nomes das divindades e as peripécias sem número que constituem a sua vida. A mitologia, afirma Kerényi, não deve ser confundida com a biografia dos deuses. Estes só a interessam como pontos de referência, a partir dos quais e para os quais evoluem todos os fenômenos.

Malinowski distingue no mito o caráter simbólico e o caráter etiológico. Primeiro que tudo o mito sintetiza uma realidade acontecida, que nenhuma outra linguagem senão esta seria capaz de exprimir. O mito não se refere a coisas vagas e aéreas, mas antes, pelo contrário, a verdades primordiais. Por isso mesmo não se contenta com o seu papel de narrativa e explica, fundamentando no passado, os feitos futuros dos homens. Mito é alguma cousa que, além de ter sentido, dá sentido. Tem sentido porque traduz na sua linguagem própria e misteriosa, ainda quando incompreensível, ocorrências verídicas e inegáveis. Dá sentido porque remonta às raízes, às fontes, às origens às quais nos prende um quase fatalismo.

A despeito de toda a ciência, vivemos perseguidos por mitos. O mundo moderno não conseguiu bani-los de sua convivência. Jung declara que os "arquétipos aparecem nos mitos e nos contos de fadas da mesma forma que nos sonhos e nos produtos da fantasia psicopática". É da seguinte maneira que o ilustre professor classifica os produtos da imaginação inconciente: a) — fantasias (inclusive sonhos) de caráter pessoal, que remontam a experiências pes-

(1). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

soais, coisas esquecidas ou recalçadas e que podem, portanto, ser explicadas completamente por uma anamnésia individual; b) — fantasias (inclusive sonhos) de caráter impessoal, que não se deixam reduzir a experiências do passado do indivíduo e, portanto, não podem ser explicadas como alguma coisa de individual. A isto o afamado psiquiatra chama o "inconciente coletivo". É o que acaba de ser dito não só diz respeito àquelas modalidades de expressão acima mencionadas como também a toda produção poética.

O excelente livro que Jung e Kerényi escreveram de parceria não se limita, evidentemente, a dar uma introdução geral à mitologia. Trata, igualmente, de dois mitos fundamentais: o mito da criança divina e o de Kore, símbolo feminino. Quantas sugestões de uma atualidade tremenda!

Em suma, pode-se dizer que é uma obra dessas que jamais envelhecem e que será sempre lida com gosto e proveito.

JOHANNES HECHT

FRIEDEL (Egon). — *Das Altertum war nicht antik*. Georg Prachner Verlag. Viena. 1950. 182 pp.

Friedell é um esgrimista de estilo. Cintilante, envolvente e, por isso mesmo, perigoso. Suas conclusões sempre engenhosas, nem sempre são verdadeiras, nem sempre correspondem à realidade profunda das coisas. Por exemplo: num belo jogo de palavras Friedell nega, ou melhor exclui o classicismo do panorama da vida. Não existe para ele a arte clássica, muito menos a possibilidade de um padrão clássico de vida. Há forçosamente nisso um paradoxo. Não só existiu a arte grega, clássica no seu objetivo de equilíbrio de forças, como também o Cristianismo é um exemplo de classicismo, na medida em que exige um perfeito equilíbrio de forças para a vida. Cada cristão há de ser um perfeito exemplo de medida, tanto na vida física como na vida moral. O primeiro dever do cristão é zelar pela conservação do corpo, tanto quanto vigiar a unidade de suas forças morais. A vida é em última essência clássica. Porque exige um equilíbrio de forças para obtenção de um equilíbrio perfeito. Essa é a realidade em sua última essência. Se é ou não praticada pelos indivíduos, se foi ou não praticada pelas civilizações, se as culturas corresponderam ou não ao ideal clássico, é um outro capítulo e aí não há mãos a medir.

Prevalece contudo, uma utilidade, uma grande utilidade na leitura de Friedell: ele põe diante de nossos olhos, de um modo surpreendente, certas realidades profundamente simbólicas, que nos compêndios e obras gerais nos passam despercebidos. E só isso paga a pena de lê-lo.

PEDRO DE ALMEIDA MOURA

FRIEDEL (Egon). — *Kulturgeschichte Griechenlands*. Phaidon Verlag. Zurique. 1949. 339 pp.

De acordo com o próprio autor a doença incurável do homem é a sua tendência de fazer crítica, a imperiosa necessidade de interpretar, de idealizar ou deformar não só os acontecimentos do passado e os fatos do presente, como ainda as promessas do futuro. Ora, a obra de Friedell é uma das conseqüências dessa incurável moléstia. Sendo a história uma "constante reinterpretação do passado" aqui temos uma reinterpretação do passado helênico.

Concordando ou discordando dos pontos de vista de Friedell, temos que reconhecer o seu talento e admirar com que extraordinária perícia sabe escolher os ângulos de onde focalizar a paisagem cultural da Grécia segundo a